

Literatura e imprensa árabe: *experiência migratória Sírio- Libanesa no Brasil*

Luíza Salgado Mazzola⁴⁸

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Sheila Cristina dos Santos⁴⁹

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Resumo

O artigo objetiva apresentar a relação estabelecida entre o Brasil e o Oriente Médio no final do século XIX e no início do século XX, no que tange à produção literária dos imigrantes sírios e libaneses no Brasil. Sabe-se que o Brasil recebeu um influxo considerável de imigrantes de diversos países e culturas distintas desde a chegada dos portugueses em 1500. Dentre as culturas que aqui encontraram um segundo lar, destacamos a árabe, que aportou no Brasil a partir do final do século XIX, com a chegada dos imigrantes sírios e libaneses. Uma das manifestações dessa cultura no país foi a produção de livros, revistas e jornais em árabe, ou em árabe e português, produção marcada pela experiência dupla do imigrante, que tentava preservar a cultura de seu país de origem em meio a um ambiente cultural distinto ao mesmo tempo em que buscava se adaptar à cultura na qual se encontrava imerso. Tomando a viagem de Dom Pedro II ao Oriente como ponto de partida, nosso objetivo é caracterizar a produção literária árabe no Brasil como a materialização de um prolongamento motivado pela imigração.

Palavras-chave

Imigração Sírio-libanesa. Dom Pedro II. Literatura árabe.

⁴⁸ Doutoranda em Literatura no PPGLit (UFSC) e bolsista FAPESC

⁴⁹ Doutoranda em Estudos da Tradução na Pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET) e bolsista CAPES

Introdução

Ao longo do século XIX imigrantes de diversas partes do mundo encontraram, no Brasil, terreno fértil para a implantação de suas respectivas culturas. O país, embora maciçamente colonizado por portugueses, recebeu uma importante massa migratória, composta por europeus, asiáticos, africanos e orientais. A vinda desses povos se deu em contextos bastante distintos: os negros foram traficados do continente africano para serem vendidos e escravizados no Brasil e posteriormente foram substituídos pela mão de obra de imigrantes italianos e alemães, que buscavam refúgio da guerra que ocorria em seus respectivos países. A escravidão no Brasil e a imigração italiana e alemã são temas largamente explorados em livros de História e trabalhos acadêmicos. No entanto, existem outras massas migratórias recebidas pelo país que, apesar de numerosas, têm menos visibilidade histórica. Entre elas, citamos a comunidade árabe (sírio-libanesa, especificamente) que se estabeleceu no Brasil no final do século XIX e no início do século XX.

Considerando-se que cada grupo migratório tem características muito particulares, de acordo com o contexto social, econômico e político do mundo em um dado momento, a imigração árabe para o Brasil foi motivada, majoritariamente, pela perseguição aos sírios e libaneses cristãos por parte do Império Turco-Otomano. Sendo forçados a deixar seus países por temerem pelas próprias vidas, esses imigrantes encontraram asilo no Brasil, que estava, ao final do século XIX, em um momento de transição política da monarquia para a República.

Ao encontrar no Brasil um cenário mais livre de repressão religiosa e política, e com uma mistura cultural tão rica quanto a encontrada em sua terra natal, os imigrantes sírios e libaneses tiveram a oportunidade de cultivar a própria cultura no país, ao mesmo tempo em que se esforçaram para se adaptar à nova cultura. Esse processo se traduziu na produção de literatura em diversos formatos, como livros, revistas, jornais e periódicos, muitos deles bilíngues, e que constituem uma tentativa desses povos de preservar sua identidade cultural enquanto buscavam ser acolhidos no novo país.

1 Brasil, Líbano e Síria nos séculos XIX e XX

No último quarto do século XIX, o Brasil passava por um período marcado por discussões acaloradas sobre a abolição da escravidão e tendências favoráveis ao estabelecimento de uma República, ambas ancoradas em princípios oriundos da filosofia

iluminista europeia, da qual era partidário o Marquês de Pombal, que "influenciou fortemente a elite dirigente portuguesa", como coloca Tarcísio Botelho (2005, p. 67-68). A economia brasileira tinha como principal fomento a produção de café, na região Sudeste, e de açúcar, na região Nordeste do país, ambas as produções crescendo à base de mão de obra escrava, enquanto no Norte do país era a extração da borracha que vivia uma fase de ascensão (BOTELHO, 2005, p. 70-72).

É nesse cenário que chegam ao Brasil os primeiros imigrantes sírios e libaneses, saídos de suas terras natais no fim do século por conta de questões religiosas, mas também políticas e econômicas. Os projetos imperialistas de conquista de países ocidentais como França e Inglaterra contra os países orientais causaram impacto nessas sociedades. No Líbano e na Síria, por exemplo, que estavam, à época, sob domínio do Império Otomano, esses ímpetus expansionistas fizeram com que os governantes turcos tomassem medidas mais rígidas contra os cristãos. Inicia-se, então, um período repleto de disputas religiosas, marcado por massacres como a chacina de libaneses cristãos em 1861. Durante esse período, a religião exerceu socialmente o papel do Estado, ultrapassando sua natureza individual e espiritual e afetando diretamente a parcela cristã dessa sociedade. Massacres de cristãos libaneses e sírios tornaram-se recorrentes, e a segregação religiosa obrigou diversas famílias a deixar seus países, muitas das quais vieram ao Brasil.

Além da experiência agrícola adquirida na terra de origem, os imigrantes sírios também praticavam, em solo brasileiro, o comércio fixo e o comércio itinerante. As principais manufaturas produzidas na Síria durante o século XIX eram artigos de prata, sapatos de couro, tecidos, como seda e algodão, e artigos para montaria (GASKIN, 1846, p. 33). Essa foi, portanto, uma das principais atividades desenvolvidas quando esses imigrantes chegaram ao solo brasileiro, o comércio de manufaturas como as citadas, além de artigos para costura e outros objetos que os sírios mascateavam, tanto nas capitais quanto no interior rural (FRANCISCO; LAMARÃO, 2013, p. 257-258).

A república do Líbano, por sua vez, era um país constituído por uma miscelânea cultural. Entre os grupos étnicos que compartilhavam esse território, podemos citar árabes, armênios, curdos, palestinos e sírios. Além das diferentes etnias, esses grupos também praticavam religiões distintas: islâmica, cristã ortodoxa, cristã católica, entre outros. Essa população partilhava um território de 10.400 km², cuja geografia acidentada refreou o desenvolvimento da pecuária e da agricultura, fazendo com que o comércio prevalecesse como principal atividade local durante séculos (JUNQUEIRA; AMORIM, 2011, p. 183), assim como ocorria com o povo sírio. O país tem a cidade de Beirute como capital e o árabe como língua

oficial, todavia, pode-se escutar nas ruas das cidades do Líbano o inglês, o francês (ensinado em muitas escolas) e também o armênio. Diferentemente de muitos países árabes, o Líbano manteve uma relação frutífera com o Ocidente por muitos séculos, e essas relações ficaram ainda mais intensas no período da expedição Napoleônica ao Egito e à Síria e com a corrida imperialista do século XIX. Segundo Sismondini:

O Líbano sempre foi apresentado pela Europa como o campeão da francofonia, forma linguística que conquistou um espaço próprio num território essencialmente de língua árabe e que foi a escolhida por diversos autores locais como forma de expressão, tornando-se assim, uma ponte cultural entre o Ocidente e o Oriente. (2017, p. 15).

Essas trocas culturais tiveram um grande impacto nas produções intelectuais desse país. Ainda que as produções literárias árabes sejam datadas de séculos antes (SAID, 2007, p. 59), esse período permitiu, sobretudo através das traduções, que os países do oriente tivessem acesso ao que se produzia na Europa e vice-versa. A imprensa foi um dos meios de comunicação que sofreu uma ascensão nesse momento da corrida imperialista, já que, de acordo com Hourani (2003), quase não se tinha uma imprensa árabe constituída antes do século XIX. Ela surgiu, floresceu e se espalhou ao longo do século XIX, nas cidades do Cairo e em Beirute, cidades que continuariam sendo os principais polos editoriais, e que, com suas missões e escolas governamentais, constituíram um público leitor expressivo.

Nessa época, os periódicos e os jornais tinham uma importância mais pronunciada do que os livros. Entre os anos de 1860 e 1870, os periódicos abordavam temas como cultura, ciência e tecnologia no Ocidente. Essas produções impressas permitiram que muitos dos imigrantes que chegaram ao Brasil mantivessem contato com sua cultura e que também continuassem com essa produção em solo brasileiro. Embora esses dois povos tenham atuado em áreas distintas no Brasil (a literatura síria tem menos expressão do que a libanesa), não podemos descartar o impacto cultural e econômico que os sírios trouxeram para o país.

Júlio Francisco e Sérgio Lamarão (2013, p. 257) trazem uma estimativa de que aproximadamente 100 mil imigrantes provenientes da Síria e do Líbano teriam ingressado no Brasil desde as últimas décadas do século XIX até o começo da Segunda Guerra Mundial em 1939. Em 1920, por exemplo, o censo registrou cerca de 50 mil imigrantes sírios e libaneses vivendo em terras brasileiras. Desses, quase 20 mil habitavam o estado de São Paulo, 10 mil o estado do Rio de Janeiro, e quase 9 mil em Minas Gerais (FRANCISCO; LAMARÃO, 2013, p. 257). É a partir dessa aproximação entre Oriente e Ocidente, representados por Líbano, Síria e Brasil, que podemos analisar a produção literária árabe no país latino-americano.

2 O olhar ocidental para o oriente

O orientalismo é um termo genérico cunhado por intelectuais europeus, intensamente discutido e difundido nos séculos XVIII e XIX, e é utilizado para definir um conjunto de culturas e povos de regiões geográficas que englobam o Oriente Médio, parte do continente africano e o Extremo Oriente. Esse termo é aplicado de forma generalizada para denominar essas regiões, ignorando todas as diferenças culturais que ali existem: religião, línguas, vestuário, hábitos alimentares e culturais, etnicidade, estruturas políticas e a própria organização social. Nas palavras de Edward Said (2007, p. 27) “o orientalismo é um modo de abordar o Oriente que tem como fundamento o lugar especial do Oriente na experiência ocidental europeia.”

Um dos pontos incontornáveis sobre o orientalismo é justamente a obra de Edward W. Said, *Orientalism*, publicada pela primeira vez em 1978. O autor demonstra, a partir do orientalismo francês e inglês, o quanto a visão ocidental do Oriente se baseava em uma construção ficcionalizada. Em outras palavras, tratava-se de um Oriente idealizado: exótico, repleto de paisagens encantadas e mistérios (MAFRA; STALLAERT, 2016, p. 150). Esse discurso manufaturado de que falam os autores fazia com que o olhar europeu para o Oriente fosse, essencialmente, uma ficção sobre o Outro, uma criação romanesca que caracterizava o Oriente como uma terra a ser civilizada e o Ocidente como um território de superioridade civilizacional. Foram essas imagens construídas ao longo dos anos que contribuíram para o que Said (2007, p. 11) define como “a invenção do Oriente por parte do Ocidente”.

Lília Schwarcz (1998, p. 58) aponta que, após o início da colonização intensiva das Américas, houve uma duplicação dessa visão europeia do Oriente. O Brasil era também retratado como uma terra exótica e misteriosa. Essa visão do país como um sonho tropical e mágico era veiculada na literatura de viagem consumida na França, que retratava as matas, o mar e as paisagens como lugares paradisíacos, repletos de belezas ímpares. De certa forma, o Brasil sofria a mesma idealização do olhar europeu de que o Oriente também foi alvo, um retrato míope como o que Said criticava no orientalismo inglês e francês.

A obra de Said foi bastante criticada por excluir de sua análise o orientalismo germânico e por uniformizar o termo "Oriente", limitando-o à região que chamamos de Oriente Médio e ignorando outras regiões do Oriente, como o norte da África e parte do Egito, conforme Adriano Mafra (2015, p. 97). No entanto, a importância dessa obra reside justamente no debate que se sucedeu, que questionava o viés europeu (inglês e francês) dos estudos orientalistas, realizados sob o prisma do imperialismo e da dominação do Outro, visto como *incivilizado*. O

debate apontou o quanto o estudo do Oriente em suas particularidades se tornava uma necessidade premente, e é no século XIX que o orientalismo começa a emergir sob novos contornos, nos moldes do orientalismo germânico, que buscava "compreender o Oriente ao invés de invadi-lo" (MAFRA, 2015, p. 98).

Os espanhóis e portugueses seguiam, de certa forma, a mesma linha do orientalismo germânico, o que se deve, segundo Mafra (2015, p. 98), à intimidade criada entre a cultura ibérica e a cultura árabe depois de oito séculos de dominação dos mouros na região. Essa relação de imbricação cultural desembarca no Brasil, com a chegada maciça dos portugueses à América Latina no início do século XIX, na ocasião em que a família real portuguesa escapava das invasões napoleônicas que ocorriam na Europa. Estando a ideia de uma sociedade multicultural imbricada no imaginário português, o orientalismo ibero-brasileiro se caracteriza por ser mais assimilador e menos dominador (MAFRA, 2015, p. 100-101).

É justamente esse orientalismo que influenciará, ainda que de forma indireta, o então governante do Brasil, o Imperador Dom Pedro II. Mafra (2015, p. 120) retrata o monarca como um apreciador da cultura árabe e aponta que D. Pedro II foi o primeiro governante brasileiro a visitar o Oriente Médio e também o único pelos 134 anos seguintes. Sua passagem pela Síria, pela Palestina e pelo Líbano, em 1876, contou com uma comitiva de 200 pessoas, entre elas a Imperatriz D. Teresa Cristina, e foi documentada por ele em seus diários. A inclinação do monarca pelos estudos orientalistas ia além de suas obrigações diplomáticas como governante, visto que conhecia consideravelmente bem a religião muçulmana, a cultura e a língua árabe, como apontam Adriano Mafra e Christiane Stallaert (2016).

Seu orientalismo é definido como ontológico e intelectual, sendo o ontológico o "reflexo do substrato ibérico trazido pelos portugueses, fruto do convívio histórico lusitano com povos de estirpe oriental e cristalizado nos costumes, na arquitetura colonial e na própria língua do império tropical" (MAFRA; STALLAERT, 2016, p. 153). Os autores apontam que o contato entre os povos da Península Ibérica e os árabes durante muitos séculos foi responsável por enraizar, nos povos ibéricos, alguns traços característicos do Oriente Médio. Esse orientalismo inerente à cultura portuguesa implicaria em uma maior abertura ao Outro, um reconhecimento da assimilação cultural ocorrida historicamente. O orientalismo intelectual, por sua vez, se relaciona com a tendência dos intelectuais europeus de estudar o Oriente no século XIX (MAFRA; STALLAERT, 2016, p. 153).

A dedicação do monarca ao orientalismo segue, segundo os mesmos autores, algumas diretrizes importantes. O Brasil vivia o momento histórico conhecido como Segundo Império, recém constituído como uma nação livre do jugo de Portugal e ainda em processo de

formação de uma identidade nacional. Christiane Stallaert e Sergio Romanelli apontam, portanto, o caráter utilitário que o orientalismo de D. Pedro II também tinha, ou seja, o olhar do monarca para o Oriente constituía "um modelo alternativo traçado por D. Pedro II para forjar para o seu próprio império uma identidade nacional, culturalmente autônoma e literariamente original, legitimada no cenário internacional" (STALLAERT; ROMANELLI, 2015, s.p.).

Dentre as evidências do interesse do monarca brasileiro pelo Oriente, citamos as viagens à região, referências a monumentos e construções com influências arquitetônicas árabes reconhecidas por D. Pedro II, tanto no exterior quanto no próprio Rio de Janeiro, e seu aprendizado da língua árabe (e de outras línguas orientais como o hebraico e o sânscrito) e as traduções do árabe para o português que empreendeu. Uma das traduções mais conhecidas de sua autoria é a que realizou das *Mil & Uma Noites* a partir do árabe. Mafra e Stallaert caracterizam o orientalismo do Imperador do Brasil como um orientalismo afastado daquele que se praticava na Europa, já que o monarca não tinha pretensões conquistadoras ou civilizadoras para o Oriente (2016, p. 163). O "orientalismo crioulo" do monarca, de que falam os autores, se dedicava, sobretudo, a conhecer o Outro e a reconhecer influências. Exemplo disso é o estudo linguístico empreendido por D. Pedro II na tentativa de encontrar um parentesco entre o guarani e o sânscrito, outra das línguas orientais que estudou. Ressaltamos que esse tipo de estudo filológico era uma tendência em voga à época, no que tange aos estudos linguísticos: a busca por uma língua-raiz, comum a todas as línguas. O monarca encontra na linguística comparada mais uma ocasião de contato com o Oriente.

Em 1876, D. Pedro II viaja por alguns países do Oriente Médio. Em 14 de novembro do mesmo ano, o Imperador, ao visitar Balbeque no Líbano, deixa seu nome registrado na parede de um dos templos que visita, registrando também a data em que lá esteve (ALCÂNTARA, 1999, s.p.). Em outra entrada que trata de sua visita ao Líbano, D. Pedro II registra informações históricas relacionadas tanto à religião cristã quanto à muçulmana, citando sua visita à casa de Judas onde São Paulo teria se escondido e aos túmulos dos netos de Mafoma (uma das denominações do profeta Maomé), evidenciando a coexistência entre a história de ambas as religiões na região que visitava (ALCÂNTARA, 1999, s.p.).

Em meio a todas as informações que o monarca anota em seus diários sobre a viagem, registra também a perseguição religiosa sofrida pelos cristãos à época, que acabaria por motivar a leva migratória que chegaria ao Brasil anos mais tarde:

enterraram perto [de uma antiga calçada que ia na direção de Jerusalém] os ossos dos cristãos assassinados em 1860. Falam de 4 a 600 [cristãos] e ainda agora passam alguns à noite assustados e temem que a vitória dos Serbas seja motivo para outra

matança. Até querem emigrar para o Brasil segundo ouvi. (ALCÂNTARA, 1999, s.p.).

D. Pedro II assim retrata, ainda que de forma resumida e pouco detalhada, o quadro de intolerância religiosa que vivia o Líbano à época, registrando o temor dos cristãos e o desejo já existente de fugir para o Brasil, um cenário que acaba por se concretizar nos anos seguintes. Alguns dias depois, o monarca registra um segundo exemplo da intolerância vivida pelos cristãos. Ao deixar uma cidade de nome ilegível, o Imperador anota, a respeito dos habitantes da mesma: "quando veem um cristão gritam logo *Nasraclutah, Nast Machetah* — Nazareno que vende a mulher; Nazareno de fé mesclada" (ALCÂNTARA, 1999, s.p.).

Ainda no dia 14 de novembro, o Imperador visita um homem de nome Abd-el-Kader, emir dos árabes argelinos que liderou a luta contra os franceses na Argélia, onde é considerado um herói. O emir e o monarca brasileiro conversam e D. Pedro II transmite sua admiração pelos serviços prestados em prol dos cristãos. Abd-el-Kader, por sua vez, presenteia o Imperador com um livro de sua autoria sobre a Síria. Durante os dias que passa no Oriente Médio, o monarca alterna seus passeios com atividades de tradução, em específico dedica-se a traduzir os *Atos dos Apóstolos* do hebraico, outra língua oriental, com o auxílio de seu então mestre de hebraico e sânscrito, o alemão Karl Henning (ALCÂNTARA, 1999, s.p.).

Em seu diário estão presentes referências a personagens e histórias que fazem parte da fé cristã, da muçulmana e da judaica, o que evidencia seu interesse e conhecimento aprofundado de religiões além da própria. Merece destaque também a recepção calorosa que tem o Imperador em Nazaré, no dia 22 de novembro de 1876:

a estrada em Nazaré foi uma das mais notáveis desta viagem. A população acudiu em grande parte fora das portas formando alas e muitos meninos cantando, outros numerosos ocupavam os terraços das casas e as alturas. Os sinos repicavam e as palmeiras balançavam-se por cima da porta da cidade. (ALCÂNTARA, 1999, s.p.).

A recepção amigável que teve o monarca no Oriente certamente demonstra, juntamente com outros fatores sociais e políticos, que se havia forjado uma imagem positiva do Brasil no Oriente Médio, o que se refletiria mais tarde na diáspora do povo árabe no fim do século XIX, que adotou o país latino americano como seu novo lar.

3 Imigração e o florescimento da literatura árabe no Brasil

A literatura árabe produzida no Brasil conheceu seu ápice entre o fim do século XIX e o início do século XX. Os imigrantes sírios e libaneses que chegaram ao país tinham o desejo de preservar a língua árabe, o que se traduziu na produção de livros, jornais e revistas no idioma. Destacamos que a literatura árabe no século XIX foi fortemente influenciada pelo *Nahda*, movimento de renascimento cultural do mundo árabe, que teve como local de surgimento as cidades de Damasco e Beirute. Com a vinda de intelectuais sírios e libaneses ao Brasil, o país se tornou hospedeiro de uma fração dessa produção. Como aponta Guilherme Curi (2015), o Brasil recebe uma grande leva migratória de sírios e libaneses no final do século XIX, motivada por dois fatores: 1) a viagem do Imperador Dom Pedro II ao Oriente Médio em 1876, período em que a imigração árabe para o Brasil se inicia, e; 2) a perseguição do Império Turco-Otomano aos cristãos na região do Levante, que compreende Síria, Jordânia, Israel, Palestina, Líbano e Chipre. A Síria e o Líbano fizeram parte do território dominado pelo Império Otomano (GASKIN, 1846, p. 34) até o fim do primeiro quarto do século XX, quando o domínio turco termina e a diáspora árabe começa a se reduzir.

A leva migratória proveniente do Líbano e da Síria era composta por profissionais especializados em trabalhos manuais e comércio, mas uma parcela expressiva desse grupo era composta por pessoas pertencentes à elite intelectual do mundo árabe, indivíduos oriundos de centros de estudo e universidades de renome no Oriente Médio (CURI, 2015, p. 7). Por conta da maior liberdade política e religiosa que encontram no Brasil, o país se torna um terreno fértil para a literatura árabe. Curi aponta que na virada do século XIX para o século XX, o mundo árabe se dividia em três correntes intelectuais distintas: a) a corrente islâmica, antiocidental e anticristã, que preconizava o retorno às origens do Islã; b) a corrente integralista, influenciada pelos ideais franceses de liberdade, igualdade e fraternidade, e mais aberta ao Ocidente e; c) a corrente pan-arabista, de cunho laico e progressista. Esta última foi a que mais se desenvolveu no Brasil, conforme ressalta o autor (2015, p. 8).

Destacamos o caráter ambíguo do processo de imigração apontado por Curi (2015, p. 8, 9), em que há uma ruptura com a cultura de origem e um enfrentamento do Outro, provocando uma desorientação dupla. Combinando o esforço para inserir o imigrante árabe na cultura brasileira da época e a maior liberdade encontrada em território brasileiro, esses intelectuais passam a produzir publicações variadas como uma forma de se reafirmar enquanto comunidade no Brasil. Trata-se de uma literatura de cunho diaspórico, distinta da literatura árabe produzida no Oriente Médio e marcada por uma reformulação da identidade do sujeito sírio-libanês, em que se valoriza tanto o lugar de origem quanto a nova terra.

4 A literatura árabe e seu enxertamento no Brasil

No início do século XIX, a literatura árabe estava em decadência, os escritores, em sua maioria, estavam muito ligados aos modelos antigos de prosa e poesia, pois consideravam que essas formas clássicas que se constituíram no período abássida (750-1258) eram insuperáveis e deviam ser copiadas (VERNET, 1968, p. 167). Com a ascensão da dinastia abássida, em 750, a literatura árabe havia passado por mudanças e novos desenvolvimentos. Segundo Vernet (1968, p. 76), a revolução política abássida influenciou a literatura no sentido de estimular a escola modernista e rejuvenescer a antiga literatura árabe do período pré-islâmico.

De acordo com o mesmo autor (1968), a dinastia abássida instalou seu Califado em Bagdá por volta do ano 750, cidade que se tornaria o berço da literatura árabe. A capital atraía poetas, filósofos e artistas de outras regiões que buscavam liberdade criativa, o que contribuiu para a riqueza das produções artísticas através de um grande intercâmbio cultural árabe. Esse período é conhecido pelo desenvolvimento das artes, letras e ciências. Esses escritores buscavam renovar as antigas tradições literárias indo buscar inspiração nos povos do deserto.

O autor destaca que, apesar de o desenvolvimento da prosa ter começado em conjunto com a expansão do Islã, as narrativas em prosa surgiram de maneira mais sistemática no século IX com as correspondências oficiais e particulares e com os sermões. Outro estilo que se desenvolve no período são as *maqamas*, gênero literário corrente na época e típico da literatura árabe que consiste em uma série de histórias curtas, independentes e que têm como figura central um personagem que tenta ganhar a vida através da trapaça. As *maqamas* narravam histórias e fatos corriqueiros das pessoas que pertenciam a diferentes classes, mas com foco nas classes mais baixas. Um exemplo dessas narrativas é a obra *As mil e uma noites*, que seria traduzida por D. Pedro II séculos mais tarde.

Vernet (1968) aponta a importância desse período para a literatura árabe, pois nele surgiram e se fixaram modelos literários que seguiram sendo copiados por séculos até o momento do que se chamou renascimento árabe ou *al nahda*, no qual os autores rompem com os moldes clássicos do período abássida e passam a reformular as formas tradicionais da literatura árabe e introduzir novos modelos na prosa e poesia. É a partir desse movimento de renascimento da literatura que a produção literária árabe no Brasil tomaria impulso.

Com a chegada de Napoleão ao Egito, em 1797, surge o movimento que propiciou o renascimento cultural árabe, a *Nahda*. Esse movimento, que se iniciou no Egito, buscava renovar a cultura árabe e influenciava tanto as produções artísticas quanto o pensamento

político. A *Nahda* se consolidou enquanto movimento a partir da ocupação inglesa no Egito (1882), quando a elite egípcia começou a entrar em contato com os modelos literários, de imprensa e de produções técnicas que os europeus traziam. Apesar de uma relutância inicial, os intelectuais egípcios aceitaram, ainda que com ressalvas, e se basearam em modelos ocidentais para construir um novo modelo de pensamento (VERNET, 1968, p. 199-200).

Ainda que recebesse influência dos modelos europeus, a *Nahda* surgiu como uma espécie de nacionalismo árabe, não se atendo a uma recepção passiva de modelos europeus. Segundo Riche (2015), seus idealizadores buscavam com o renascimento árabe visitar as origens culturais de seus ancestrais, colaborando com a formação e difusão da ideia do pan-arabismo, ou seja, a união de todos os países árabes que compartilham da mesma língua (árabe), pois seria através da união e fortalecimento cultural desses povos que o mundo árabe seria capaz de se libertar do domínio ocidental-europeu e turco. Essa corrente se baseava na premissa de que "era preciso despertar uma consciência nacionalista, que superasse os limites da obsessiva estrutura familiar e tribal em que repousava secularmente a sociedade" (RICHE, 2015, p. 2).

O renascimento árabe influenciou diretamente as produções literárias dos imigrantes sírios e libaneses no Brasil o que fez com que esse movimento crescesse e se desenvolvesse em solo nacional, como aponta Riche (2015, p. 1), "aqui no Brasil, poetas e escritores de origem árabe continuaram a cultuar a palavra, pois em seu *ethos* a palavra sempre ocupou um lugar especial, ela anuncia o milagre, a revelação, afinal o verbo desceu do céu". Conforme Sáfady (1972), foram criados pelos imigrantes árabes, ou descendentes destes, cerca de quatrocentos jornais, revistas, suplementos comemorativos e boletins, entre outros. O estado de São Paulo contava com uma grande concentração de árabes e descendentes, e só nesse estado foram fundadas em torno de cem publicações árabes, como destaca Curi (2015, p. 6). O Rio de Janeiro, por sua vez, contou com 60 publicações criadas por essa comunidade, além de publicações em menor número em outros estados.

Com relação à mídia impressa, o primeiro jornal árabe criado no Brasil surgiu em 1895. O *Al Faihá* durou apenas alguns meses, mas foi sucedido por outras publicações do mesmo tipo nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. No início do século XX, o Brasil já contava com 5 jornais árabes, número que mais que triplicaria nos 15 anos que seguiram (CURI, 2015, p. 6). Boa parte desses periódicos tinha cunho informativo e político, e serviam, em grande parte, para disseminar os ideais pan-arabistas entre a comunidade de imigrantes que aqui vivia no período. Como exemplo dessa reinvenção de identidade ligada à questão migratória, apontamos o periódico *Al Ashmay*, um dos primeiros periódicos bilíngues (árabe e português) publicados no Brasil, fundado em 1899.

Nas primeiras publicações, uma fração considerável do impresso se dedicava a melhorar a imagem do imigrante aos olhos dos brasileiros, reforçando que a chegada desses indivíduos não deveria representar um incômodo, e que a comunidade sírio-libanesa era também composta por indivíduos capazes de produzir conhecimento e cultura, como pontua Curi (2018, p. 13). A criação de publicações destinadas à comunidade árabe no Brasil contou ainda com a fundação, em 1933, da Liga Andaluza de Letras Árabes, cuja revista continha artigos e poemas, estes, em geral, românticos ou de cunho social e político.

Mas a política não ficou restrita a jornais, boletins e suplementos: um exemplo desse tipo de iniciativa política na literatura árabe produzida no Brasil é Elias Farhat, autor libanês que desembarcou no Brasil em 1910 e é considerado o poeta do arabismo. O poeta discutia questões religiosas, a igualdade e a liberdade em seus escritos, seguindo a linha pan-arabista que chegou ao Brasil. Essa corrente buscava unificar os países de língua árabe fortalecendo e construindo uma grande nação de interesses compartilhados. O pan-arabismo é conhecido também como o nacionalismo árabe, que, apesar de ter se fortalecido de forma expressiva somente na década de 1960, teve suas primeiras impressões delineadas no século XIX, com os escritores, artistas e intelectuais, dentre os quais os imigrantes.

Não podemos deixar de citar também a questão da influência linguística, considerando que o português tem palavras de origem árabe, o que pode ser atribuído a dois eventos históricos: a imigração dos árabes para o Brasil no final do século XIX e o domínio árabe na Península Ibérica, do século VIII ao século XV, o que certamente fez com que o português de Portugal sofresse a incorporação de palavras árabes que posteriormente desembarcam no Brasil, com a colonização portuguesa (MAFRA, 2015, p. 104).

Além dos escritores árabes que migraram para o Brasil no final do século XIX, ressaltamos também alguns nomes conhecidos da literatura brasileira cujas obras estão ligadas a esse fenômeno migratório, como Salim Miguel, Raduan Nassar e Milton Hatoum. Salim Miguel, libanês de nascimento, chega ao Brasil aos três anos de idade, em 1924. Dentre suas obras, destacamos o romance *Nur na Escuridão*, lançado em 1999, uma autobiografia ficcionalizada que conta a vinda da família de Salim Miguel do Líbano e seu estabelecimento em Santa Catarina. Em 2013, o romance foi publicado em árabe e lançado na Feira do Livro em Beirute, capital do país de origem do autor. A história da família do escritor é bastante emblemática da imigração árabe para o Brasil: uma família de cristãos ortodoxos que deixa seu país e busca, na América Latina, mais liberdade religiosa.

O paulista Raduan Nassar é filho de libaneses e recebeu, em 2017, o prêmio Camões por sua obra literária, da qual destacamos o romance *Lavoura Arcaica*, fortemente marcado

pela herança árabe, na forma dos sermões árabes do avô do protagonista, e por elementos da cultura brasileira. Pelo romance, o autor recebeu o prêmio Coelho Neto da ABL e o prêmio Jabuti como Autor Revelação. O amazonense Milton Hatoum, por sua vez, também é descendente de libaneses, e autor do romance *Dois Irmãos* (2000), que retrata os problemas familiares de dois irmãos de uma família de libaneses que vive em Manaus.

Raduan Nassar, Salim Miguel e Milton Hatoum são três exemplos de escritores cujas obras são marcadas pelo hibridismo cultural proporcionado pelo enfrentamento cultural entre Oriente e Ocidente. Essa amálgama de culturas presentes nos romances citados exemplifica o que diz Carlos Nelson Coutinho (2000), quando afirma que só seria possível entender "plenamente os fenômenos artísticos e ideológicos quando estes aparecem relacionados dialeticamente com a totalidade social da qual são, simultaneamente, expressões e momentos constitutivos". Em outras palavras, é na intersecção entre as culturas, originada na leva migratória árabe do século XIX e do século XX, que essas obras nascem, são fruto desse momento histórico e também o alimentam.

Conclusão

A estadia de D. Pedro II no Oriente Médio parece ter contribuído para a construção de uma imagem favorável do país em terras árabes, o que certamente influenciaria a questão migratória anos mais tarde. A fama do Brasil de país acolhedor e caloroso (ainda que não para todos), termina por atrair os imigrantes sírio-libaneses que buscavam um lugar seguro e livre para viverem. Mais do que isso, o Brasil mostra ser também um solo fértil para a produção literária e cultural desses imigrantes, que eram, em geral, adeptos do viés político pan-arabista.

As condições de liberdade social e tolerância religiosa aqui encontradas pelos sírio-libaneses cristãos permitem que os intelectuais árabes possam produzir literatura de diversos tipos, inclusive literatura política, sem sofrerem nenhuma repressão por parte do governo brasileiro. Esse livre prolongamento do renascimento cultural árabe se traduz em uma produção literária e informativa considerável, com cerca de 400 títulos, entre livros, revistas, jornais e periódicos variados. Dentre todos os temas tratados na produção citada, destacamos a questão da imigração, presente em algumas das publicações.

O imigrante árabe tinha a preocupação de se adaptar ao novo país, e o enfrentamento de uma cultura nova, somado à distância de sua terra natal, consiste em matéria-prima para sua produção literária e jornalística. Tratava-se de fomentar a questão pan-arabista através da literatura e também de apresentar aos brasileiros a cultura e as qualidades do povo árabe,

mostrando que poderiam contribuir para o progresso econômico do país e para a produção intelectual escrita. Como resultado, a literatura árabe dessa época produzida no Brasil é marcada pelo paradoxo do imigrante, pois trata-se de um indivíduo que está, como coloca Hall (2014), dentro e fora: dentro de uma cultura nova, tentando se adaptar a ela, mas fora dela por conta de seus próprios parâmetros culturais. Essa literatura é fruto desse enfrentamento cultural.

Há, no entanto, duas importantes considerações a fazer: visto que a literatura árabe produzida no Brasil se encontrava, como apontado anteriormente, fundida com a cultura brasileira (e com a própria língua portuguesa, no caso de publicações bilíngues), questionamos se podemos de fato considerar essa literatura como sendo uma extensão da literatura árabe produzida nos países de origem desses imigrantes, ou se devemos tratá-la como uma literatura autônoma, definida pela hibridez linguística e cultural proporcionada pela imigração. É preciso refletir, ainda, sobre o interesse de (re)criação dessa literatura no Brasil, produzida não com o intuito de construir uma história literária que recaia sobre o clichê de enxergar Oriente e Ocidente como dicotomias ou pontos extremos de um contínuo social, mas sim sobre a contribuição que esses intelectuais trouxeram e articularam com a história literária brasileira.

Por fim, fica evidente o caráter do Brasil enquanto local de prolongamento de culturas outras, um lar acolhedor para (alguns) povos, que encontram no país uma possibilidade de cultivar e propagar suas culturas, enxertando no país a marcante hibridez étnica e cultural que o caracteriza até os dias de hoje.

Referências

ALCÂNTARA, Pedro de. **Diário do Imperador D. Pedro II**. Organização de Begonha Bediaga, Petrópolis: Museu Imperial, 1999. n.p. Disponível em <<http://www.museuimperial.gov.br/arquivohistorico/4349-instrumentos-de-pesquisa.html>> Acesso em: 24 de janeiro de 2019.

BERMAN, Antoine. **A prova do estrangeiro**. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. São Paulo: EDUSC, 2002.

BOTELHO, Tarcísio Rodrigues. População e espaço nacional no Brasil do século XIX. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 7, n. 8, p. 67-83, nov. 2005. ISSN 2237-8871. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/1720/1863>>. Acesso em: 13 fev. 2019.

CURI, Guilherme Oliveira. A diáspora árabe recriada: Surgimento e expansão dos periódicos da comunidade sírio-libanesa no Brasil. In: 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015, Porto Alegre. **Anais**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-alternativa/a-diaspora-arabe->

recriada-surgimento-e-expansao-dos-periodicos-da-comunidade-siriolibanesa-no-brasil/view
Acesso em: 25 fev. 2019.

CURI, Guilherme Oliveira. **O Mahjar é aqui**: a comunicação contra-hegemônica dos intelectuais árabe - brasileiros. 2018. 271 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

FRANCISCO, Júlio César Bittencourt; LAMARÃO, Sérgio. Sírios e Libaneses e a Expulsão de Estrangeiros na Primeira República. In: **Revista Acervo**, Rio de Janeiro, v. 26, p. 256-266, jul./dez. 2013.

GASKIN, James. **Geography and sacred history of Syria**. William Curry, Jun., and Company: Dublin, 1846. Disponível em <<https://archive.org/details/geographyandsac00gaskgoog>> Acesso em 12 de fevereiro de 2019.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro.

HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Tradução de Marcos Santarrita.

JUNQUEIRA, Marili; AMORIM, Nayara. A influência da cultura árabe em Uberlândia. **Revista Opsi**, [s.l.], v. 11, n. 2, p.181-200, 31 dez. 2011. Universidade Federal de Goiás. <http://dx.doi.org/10.5216/o.v11i2.14872>.

MAFRA, Adriano. **O processo criativo de Dom Pedro II na tradução da "Hitopadeça"**. 2015. 449 f. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

MAFRA, Adriano; STALLAERT, Christiane. Orientalismo crioulo: Dom Pedro II e o Brasil do Segundo Império. **Iberoamericana**, v. XVI, n. 63, 2016, pgs. 149-168. Disponível em <<http://journals.iai.spk-berlin.de/index.php/iberoamericana/article/viewFile/2117/1914>>. Acesso em 26 de janeiro de 2019.

RICHE, Cristina. Ayoub. Brasil, a nova Andaluzia. In: Esocite BR VI Simpósio Nacional de Ciência, Tecnologia e Sociedade, 2015, Rio de Janeiro. **Anais**, 2015.

ROMANELLI, Sergio; STALLAERT, Christiane. Entrada do Brasil na República mundial das letras. Mediações transatlânticas e diplomacia cultural de Dom Pedro II na elaboração de uma identidade letrada nacional. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos** [Online]. Disponível em <<http://journals.openedition.org/nuevomundo/68197>>. Acesso em 18 de janeiro de 2019.

SÁFADY, Jorge. **A imigração árabe no Brasil**. 1972. 551 f. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, 1972.

SAID, Edward W. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Tradução de Rosaura Eichenberg.

SISMONDINI, Alberto. **Arabia Brasilica**. Cotia: Ateliê Editorial, 2017. Tradução de Letizia Zini Antunes e Valéria Vicentini.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
VERNET, Jules. **Literatura árabe.** Barcelona: Editorial Labor, 1968.

**ARABE PRESS AND LITERATURE: THE SYRIAN-LEBANESE MIGRATORY
EXPERIENCE IN BRAZIL**

Abstract

The present article aims to present the relationship established between Brazil and the Middle East in the late nineteenth and early twentieth centuries, regarding the literary production of Syrian and Lebanese immigrants in Brazil. It is known that Brazil received a considerable influx of immigrants from different countries and cultures since the arrival of the Portuguese in 1500. Among the cultures that found a second home here, we highlight the Arab immigrants that came to Brazil in the end of the 19th century, mostly Syrian and Lebanese immigrants. One of the manifestations of this culture in the country was the production of books, magazines and newspapers in Arabic, or in Arabic and Portuguese, a production marked by the double experience of the immigrant, who tried to preserve the culture of his country of origin in a different cultural environment while at the same time trying to adapt to the culture in which he was immersed. Taking the trip of Dom Pedro II to the East as a starting point, our goal is to characterize the Arab literary production in Brazil as the materialization of a cultural extension motivated by immigration.

Keywords

Immigration Syrian-Lebanese. Dom Pedro II. Arabic Literature.

Recebido em: 30/10/2019
Aprovado em: 08/12/2019